



INQUÉRITO SOBRE A NATUREZA  
E AS CAUSAS DA  
RIQUEZA DAS NAÇÕES

---

Adam Smith

VOLUME I

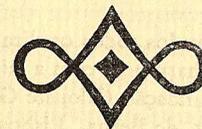
Prefácio de  
HERMES DOS SANTOS

Tradução e notas  
de

TEODORA CARDOSO

e

Luís CRISTÓVÃO DE AGUIAR



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Tradução do original inglês intitulado

An Inquiry Into  
the Nature and Causes of  
THE WEALTH OF NATIONS

por

ADAM SMITH,

Segundo o texto da 6.<sup>a</sup> edição da  
METHUEN AND CO. LTD.,

da responsabilidade de

EDWIN CANNAN, M.A. LL.D.

Londres, 1950

---

Reservados todos os direitos  
de harmonia com a lei.  
Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.  
Av. de Berna. Lisboa

## PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA

*Em Março de 1776, pouco antes de as treze colónias da costa oriental da América do Norte se declararem independentes da coroa britânica, aparecia nos escaparates de Londres uma novidade literária.*

*Editado por Mrs. Strahan and Caddel, o sólido livro de dois volumes tinha mais de 1 000 páginas de texto e vendia-se ao preço, nada módico, de £ 1.16.0.*

*Era seu autor o Dr. Adam Smith, «antigo professor de Lógica e Filosofia Moral na Universidade de Glasgow». Trabalhara neste livro por mais de dez anos e dera-lhe, bem ao gosto da época, um título amplo e descritivo: Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações.*

*Entre as obras eruditas do seu tempo, a Riqueza das Nações foi um best-seller: nos 15 anos seguintes teve 5 reedições em inglês, com tiragens sucessivamente alargadas; e pelo fim do século andava já traduzida em cinco outras línguas.*

*Escocês de nascimento, Adam Smith fizera em Oxford os seus estudos superiores e regressara à Escócia para dar cursos livres em Edimburgo. Em 1751 obtém a cadeira de Lógica na Universidade de Glasgow, instituição prestigiada que reunia algumas das figuras cimeiras da cultura inglesa desse tempo. Transferido no ano seguinte para a cátedra de Filosofia Moral, arrasta uma existência tranquila de solteirão de pro-*

víncia, um tanto excêntrico, mas sôzudamente entregue às suas obrigações lectivas, às reuniões das sociedades eruditas e à publicação das suas lições.

Espírito reflexivo e polifacetado, o seu ensino escrito abarca uma gama tão larga de matérias que o julgaríamos extravagante pelos padrões universitários de hoje, mas que atesta os superlativos dotes intelectuais do Dr. Smith. Os *Essays on Philosophical Subjects*, aparentemente escritos ao longo da sua primeira década de ensino em Glasgow, versam, lado a lado, a metafísica e a lógica, a física antiga e a astronomia, a poesia inglesa e a italiana, a percepção sensorial e as artes imitativas, a música e a dança. E uma outra obra do fim desse período — *The Theory of Moral Sentiments* — dá-lhe imediato renome nacional e projecta-o para a primeira linha dos filósofos ingleses.

As *Lectures on Jurisprudence*, nascidas dos seus cursos de 1762|3, já documentam o interesse crescente de Smith pelas questões económicas. Muitos dos temas nucleares que virá a desenvolver e sistematizar na *Riqueza das Nações* aparecem em posição destacada nas *Lectures* configurando, à distância, um primeiro esboço do tratado de economia que o seu amigo Hume lhe terá sugerido.

Em 1764 o remanso provinciano e universitário de Smith é sacudido por uma oferta tentadora: propõem-lhe, em condições materiais que fariam sonbar qualquer proletário do ensino, o preceptorado do jovem duque de Buccleuch. Smith aceita-o, até porque a sua nova posição lhe abre as portas do Continente; e nesse mesmo ano parte para França, com o seu nobre pupilo.

Ficam para trás as corriqueiras servidões escolares, a magreza das propinas recebidas dos alunos, as inseguranças quanto à velhice, agora acautelada por uma confortável aposentação. E Smith mergulha deliciado na França das «luzes» e na sua apaixonante fermentação intelectual. Os dois anos que aí vive permitem-lhe conhecer Voltaire e os chefes de fila da Fisiocracia. Liga-se a Quesnay por uma amizade que as

divergências científicas não ensombram; e, ainda em França, começa a elaborar o tratado com que sonhava.

De volta à Inglaterra instala-se na sua aldeia natal de Kircaldy e consagra-se à obra da sua vida. Lentamente, ao fio de um longo decénio, a reflexão de Smith vai-se estendendo a todas as áreas da realidade económica, desembocando num largo fresco do processo de criação e circulação da riqueza, onde cada elemento é integrado «em adequada ordem e conexão com os demais». Desse labor saiu a *Riqueza das Nações*, uma das grandes construções intelectuais da história moderna, e o pronto renome que granjeou para o seu autor.

Com a fama vieram as pequenas honras e o apreço público dos seus concidadãos. Economista já consagrado, oferecem-lhe o cargo de Director das Alfândegas em Edimburgo. Nessa rendosa sinecura ocupou, sem história, os últimos anos da sua existência; e em 1790, solitário e discreto como sempre, deixou a sua casa e a sua bem amada biblioteca por uma campa humilde, apenas marcada por um epitáfio modelar no seu laconismo e na sua imensa eloquência: «aqui repousa Adam Smith, autor da *Riqueza das Nações*».

Entretanto, o livro fazia o seu caminho. Durante um século, na opinião erudita, nos círculos da política e dos negócios, nos meios académicos em que a Economia buscava lugar e estatuto como ramo autónomo do conhecimento social, nenhuma obra económica igualou o impacto da *Riqueza das Nações*.

Fonte de inspiração para quase todos, matriz de tendências e correntes em que a análise económica se foi ramificando, os seus admiradores disseram-na a bíblia (ou o evangelho) dos economistas; e honraram o seu autor como «pai» da ciência económica. Outros, menos entusiastas, quase o reduziam ao papel de compilador e divulgador de obra albeia.

A questão, no fundo ociosa, da originalidade de Smith (como a de Marx, a de Keynes, ou de qualquer outro dos grandes balizadores do pensamento económico) deve centrar-se naquilo

que faz a sua genuína grandeza como cientistas: a capacidade para projectar uma luz nova sobre a inteira paisagem económico-social.

Nessa linha, pouco significa a inventariação do que Smith deve a Hume, a Cantillon, a Quesnay e a tantos dos seus predecessores. Ele próprio, como seria de esperar, reconhece as suas dívidas, citando nominativamente mais de uma centena de autores de escritos económicos. A verdade é que, por maiores que fossem tais achegas, há algo de novo e distintivo na Riqueza das Nações. É a preocupação de ordenar as reflexões pontuais — sobre o comércio e a produção, a moeda e os preços, a divisão do trabalho e os impostos — a que se confinava o grosso da literatura anterior, de as ligar sistematicamente à questão essencial: em que consiste, e de que depende, a prosperidade de uma nação? Uma pergunta que nos é bem familiar, se traduzida noutros termos: que fazer para que o Produto Nacional cresça regular e duradouramente?

Para além das contribuições substantivamente originais de Smith, é esta visão englobante e sistemática do inteiro processo de criação e circulação das riquezas que faz o mérito singular da Riqueza das Nações: esse «todo» é inegavelmente maior que a soma das parcelas que o compõem.

A afirmação da perspectiva teórica como elemento nuclear da reflexão económica é outro dos pilares que alicerçam a perpetuidade da Riqueza das Nações. É visível, no discurso científico de Smith, a preocupação de referir os problemas mais complexos a um pequeno núcleo de princípios explicativos. Por detrás do caos aparente das actividades humanas procura uma ordem que lhe anda subjacente, e explicita-a nas leis internas que governam o funcionamento da máquina social. E dessas leis tira a resposta adequada — i. e. utilitariamente conveniente — para os concretos problemas da realidade económica.

A Riqueza das Nações não é um manual distante e abstrato, concebido para os alunos do Prof. Smith, mais ou

menos descuidado das implicações práticas do saber. É antes um livro de combate, vitalmente engajado nas grandes questões político-económicas do seu tempo. Livro sereno e razoado, à imagem do seu autor. Mas inflexível com os mitos e as distorções que entravam o caminho da prosperidade geral; e impiedoso — até à mordacidade — com os interesses estabelecidos à sombra do privilégio ou das restrições indevidas.

O que salva do rápido desgaste um livro tão ancorado numa peculiar conjuntura histórica são exactamente os seus traços permanentes (ou supraconjunturais): a preocupação sistemática que o unifica e o substrato filosófico-social em que assenta.

Desvaneceram-se, ou põem-se hoje em termos muito diferentes, os problemas das colónias americanas, das restrições mercantilistas, da escravatura, do bimetalismo monetário, da mobilidade horizontal do trabalho. Mas a vindicação da liberdade económica, a repartição do rendimento, a defesa do interesse geral perante os apetites seccionais, a eficiência do mercado ou do dirigismo tentacular, a afirmação de uma mundividência que dê sentido humano à Economia, são ainda temas bem actuais. E aí, a redescoberta de Smith talvez não seja mera e fútil curiosidade histórica.

O leitor atento descobrirá outros interesses neste livro estirado e difícil: a dimensão de um espírito enciclopédico; a luxúria da informação histórica; a liberdade de juízo sobre os homens e as suas motivações; a quase meia centena de referências ao nosso país. E poderá, com um pouco mais de empenho, tentar aferir por si a justiça dos muitos clichés lançados sobre Smith e as suas ideias: o arquiconservador, o portavoiz da burguesia industrial, o racionalizador dos interesses capitalistas, o ingénua evangelista das harmonias naturais.

Dois séculos corridos sobre a sua aparição, a Riqueza das Nações chega agora aos portugueses, na sua própria língua, pela mão esclarecida da Fundação Gulbenkian. Sem a frescura

*e o ímpeto das suas origens: desgastada pela formidável produção científico-económica destes duzentos anos; diminuída pelas infundáveis disputas de escola; desactualizada, no seu cerne, pelo rio mesmo da história.*

*De qualquer modo chega-nos. E o acontecimento faria jus a melhor celebração que estas desataviadas considerações sobre a obra e o seu criador. Habent sua fata libelli: o mau fado de um livro pode estar no olvido injusto a que se vê relegado; mas pode estar também na desculpável ligeireza de um ocasional e apressado prefaciador.*

Novembro de 1980.

HERMES DOS SANTOS

## PREFÁCIO

O texto da presente edição reproduz o da quinta, a última publicada antes da morte de Adam Smith. A quinta edição foi cuidadosamente confrontada com a primeira e, sempre que se encontraram divergências entre as duas, procurou-se reconstituir a história da alteração através das edições intermédias. À excepção de meia dúzia de pormenores absolutamente insignificantes, os resultados desses confrontos encontram-se integralmente relatados nas notas de rodapé, a menos que se trate de diferenças óbvia e indubitavelmente devidas a simples gralhas tipográficas. Mesmo as gralhas inequívocas foram registadas quando, como frequentemente acontece, dão origem a interpretações erradas mas plausíveis, que foram reproduzidas em textos modernos, ou ainda quando apresentam qualquer outra característica de interesse.

Como não parece desejável apresentar um clássico do século dezoito trajado inteiramente à século vinte, mantive a ortografia da quinta edição e recusei-me sistematicamente a procurar torná-la coerente. O perigo em que incorreria se o tentasse pode ser ilustrado pelo exemplo de «Cromwel». Poucos leitores modernos hesitariam em tomar tal grafia por uma gralha, mas, na verdade, foi a usada por Hume na sua *History*, donde decerto Adam Smith a adoptou. Todavia, na segunda menção feita a este nome, a inadvertência ou a obstina-

ção dos tipógrafos levou a que a grafia habitual, «Cromwell», se mantivesse até à quarta edição. Segui também rigidamente o original na questão do uso das maiúsculas e dos itálicos, excepto em ter feito imprimir, por deferência com os usos modernos, as palavras iniciais dos parágrafos em minúsculas em vez de maiúsculas, os títulos dos capítulos em maiúsculas e minúsculas de corpo superior, em vez de itálicos em corpo reduzido, e a palavra «Capítulo» por extenso e não abreviada. Iniciou-se também cada capítulo numa nova página, dado que a antiga prática de começar um novo capítulo logo a seguir ao fecho do precedente apresenta inconvenientes para o leitor que deseje utilizar o livro para consulta. O título inútil, «A Natureza e as Causas da Riqueza das Nações», que encima todas as páginas do original, foi substituído por uma cabeça de página variável de capítulo para capítulo e, sempre que possível, também com as subdivisões dos capítulos, de modo a que o leitor, ao abrir o livro no meio de um longo capítulo, com várias subdivisões, possa imediatamente saber onde está. A composição destas cabeças de página nem sempre foi tarefa fácil, e espero que os críticos que se sintam inclinados a condenar algumas delas tomem em consideração o reduzido espaço disponível<sup>1</sup>.

Os números dos livros e dos capítulos, impressos à margem do original, foram completados com a utilíssima indicação do número da secção do capítulo (nos casos em que estes se encontram divididos em secções numeradas), mas relegados para o topo da página, a fim de arranjar espaço para um sumário marginal do texto<sup>2</sup>. Ao elaborar este, senti-me como um arquitecto

<sup>1</sup> Exigências de composição do original português impediram a inclusão das mencionadas cabeças de página. (N. do T.).

<sup>2</sup> V. nota anterior. (N. do T.).

a quem tivesse sido encomendado o plano para um novo edifício, a implantar lado a lado com uma obra-prima antiga: fiz tudo para evitar, por um lado, uma adopção abusiva das palavras e do estilo de Smith e, por outro, a utilização de uma terminologia despropositadamente moderna, que contrastaria desagradavelmente com o texto.

Reproduz-se o índice remissivo original, tal como apareceu nas terceira, quarta e quinta edições, com algumas ligeiras diferenças tipográficas inevitáveis. Acrescentei-lhe, porém, entre parênteses rectos, grande número de novos artigos e referências. Procurei, deste modo, torná-lo absolutamente exaustivo no que respeita a nomes de lugares e pessoas, exceptuando somente os nomes de reis e alguns outros, utilizados simplesmente como indicadores de datas, cuja inclusão me pareceu inútil, e certos casos a que era absolutamente impossível dar tratamento exaustivo, nomeadamente, «Ásia», «Inglaterra», «Grã-Bretanha» e «Europa». Incluí algumas expressões-chave que podem ajudar a localizar passagens que chamam particularmente a atenção, como «Mão invisível», «Tachos e panelas», «Retaliação», «Comerciantes, país de». Não me pareceu vantajoso acrescentar as referências mais gerais do índice original, como, por exemplo, «Comércio» e «Trabalho», dado que seria fácil alargá-las até incluírem quase todo o livro. As fontes expressamente referidas, quer no texto, quer nas notas do Autor, foram incluídas, mas, como se tornaria incómodo e confuso acrescentar as referências às notas do Editor, elaborei um segundo índice em que aparecem em conjunto todos os documentos referidos no texto, nas notas do Autor e nas do Editor. Espero que este processo se revele útil para os estudiosos de história da ciência económica.

As chamadas do Autor para as suas notas de rodapé estão colocadas exactamente onde ele as situou,

embora a sua localização apresente por vezes aspectos curiosos, e as notas propriamente ditas reproduzem exactamente as da quinta edição. As notas do Editor e os seus aditamentos às notas de Smith encontram-se entre parênteses rectos. Alguns críticos lamentarão provavelmente o carácter trivial de muitas das notas que relatam o resultado do confronto entre as várias edições, mas é bom lembrar que, se eu não registasse todas as diferenças, os leitores teriam de confiar inteiramente na minha opinião quanto à falta de interesse das divergências não assinaladas. Uma vez que as provas foram reunidas, e à custa de trabalho muito considerável, era decerto preferível registá-las aqui, até porque as notas desse tipo, embora numerosas, quando tomadas em conjunto não ocupam mais de três a quatro páginas do presente trabalho. Além disso, como demonstra a Introdução que se segue, as diferenças mais triviais lançam muitas vezes luz sobre a forma como Smith encarava e norteava a sua obra.

As restantes notas consistem principalmente em referências às fontes de informação de Adam Smith. Quando ele refere o documento pelo nome, não surgem grandes dificuldades. Os outros casos também raramente levantam dúvidas de monta. A pesquisa das fontes foi grandemente facilitada pela publicação, em 1894, do *Catalogue of the Library of Adam Smith*, do Dr. Bonar, e das *Lectures*, de Adam Smith, em 1896. O primeiro diz-nos quais os livros na posse de Smith à data da sua morte, catorze anos após a publicação da *Riqueza das Nações*; as *Lições* permitem-nos muitas vezes concluir que uma determinada informação deve ter sido colhida numa obra publicada antes de 1763. Como se sabe que Smith utilizava a *Advocates' Library*, o catálogo dessa biblioteca, cuja II Parte foi publicada em 1776, foi também de alguma utilidade. É claro que, muitas vezes,

o confronto cuidadoso entre palavras e frases nos garante que determinadas afirmações devem ter tido uma certa origem. Muitas das referências apresentadas devem, contudo, ser consideradas como meras indicações de possíveis fontes de informação ou de inspiração. Absteve-me de citar ou referir passagens paralelas de outros autores que fosse impossível ou improvável terem chegado ao conhecimento de Smith. Que um editor dotado de omnisciência podia ter indicado muitas mais referências é facto que sou o primeiro a reconhecer. Despendi, muitas vezes, horas para achar uma só referência; e perdi muitos dias para me assegurar de que não conseguia achar nenhuma.

Quando Adam Smith cita incorrectamente ou interpreta de forma claramente divergente a fonte em que se baseia, registo o facto, mas não vou geralmente ao ponto de decidir se esta está certa ou errada. Não é possível, nem desejável, reescrever a história de quase todas as instituições económicas, e de muitas outras instituições, sob a forma de notas à *Riqueza das Nações*.

Não me propus, de igual modo, criticar as teorias de Adam Smith à luz da análise moderna. Peço a quem quer que ache que tal devia ter sido feito que considere seriamente o que isso significaria. Que pense nos inúmeros e grossos volumes que a ciência moderna tem produzido sobre a imensidade de assuntos que Adam Smith tratou, e pergunte a si próprio se realmente lhe parece que a ordenação das matérias na *Riqueza das Nações* é a mais adequada para uma enciclopédia de economia. O livro é, indubitavelmente, um clássico de grande interesse histórico que não pode ser obscurecido pelas opiniões e críticas de qualquer período subsequente — e muito menos pelas de um editor qualquer.

Muito do trabalho mais pesado necessário à preparação da presente edição, especialmente o confronto

com as edições originais, deveu-se a Mrs. Norman Moor, sem cuja incansável ajuda o livro não teria sido publicado.

Muitos outros amigos contribuíram com os seus conhecimentos sobre diversos pontos. Devo-lhes cordiais agradecimentos.

E. C.

London School of Economics, 1904.